

## ALUNOS INDÍGENAS NO CONTEXTO ESCOLAR URBANO: ENCONTROS E DESENCONTROS.

PINHEIRO, Gisele Aparecida<sup>1</sup>  
giselepinheiro@hotmail.com

NASCIMENTO, Ronélia do<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho buscou fazer um estudo voltado para a questão indígena abordando as relações de preconceito e discriminação por parte da sociedade não indígena, procurei investigar se existe preconceito e discriminação no espaço escolar urbano em que estudantes indígenas estudam. Essa busca se deu devido o fato que podemos perceber nos dados históricos todas as práticas opressoras que os povos indígenas sofreram diante dos outros povos que neste país chegavam e no Vale do Arinos onde está a cidade de Juara não foi diferente. Realizei uma pesquisa qualitativa, com técnicas de observação e entrevistas, constatei que atualmente no espaço escolar ainda é um ambiente que reproduz o preconceito e a discriminação diante dos povos indígenas e se faz necessário a sensibilização dos professores, coordenadores e direção que trabalhem a questão da valorização do outro.

**Palavras- Chave:** Povos indígenas, Espaço escolar urbano, Preconceito, Discriminação.

### Introdução

O tratamento com hostilidade entre outros povos que vieram para o nosso país para com os povos indígenas é uma marca histórica, inegável. Nos dias de hoje por meio de canais de televisão, de reportagens podemos ver várias situações opressoras, que ferem o corpo e também o mais íntimo das pessoas indígenas. A educação passa a ser uma das vias para trabalhar a questão da valorização do outro, do respeito as diferenças, da inclusão, numa esperança de mobilidade contra o preconceito e a discriminação. E no município de Juara encontram-se quatro povos indígenas, considerando que a Terra Indígena Apiaká-Kayabi é a mais próxima da cidade e nela estão três povos, os Apiaká, Kayabi e Munduruku, algumas famílias desses povos mudam para a cidade e seus filhos vão estudar nas escolas urbanas e

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Juara).

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Juara). Pós-graduada em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Juara). Mestrado em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Cáceres). Professora interina na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Juara) atua na área de História da Educação do curso de Pedagogia.



isso despertou-me a curiosidade de pesquisar se estes estudantes indígenas sofrem preconceito e discriminação no ambiente escolar.

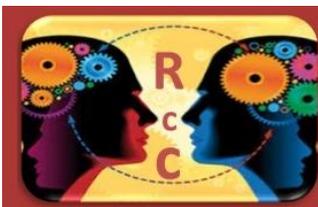
Para desenvolver a pesquisa, fiz um levantamento das escolas onde os estudantes indígenas estudam, e após certificar que uma das escolas encontra-se o maior número de estudantes indígenas, solicitei com documentos institucionais da universidade para a liberação da pesquisa na direção escolar. Escolhi a sala do 5º e 4º ano por ter mais alunos nas séries iniciais da educação básica para fazer as observações dentro da sala, considerando que estes alunos das turmas acima citadas também foram observados nos horários em que estavam no pátio e corredores antes de iniciar a aula, e a entrevista ocorreu apenas com os estudantes do 5º ano por demonstrarem abertura para diálogo.

Discutimos sobre a escola como um espaço de interação e lugar de trabalhar a valorização do outro, da cultura que cada pessoa pertence. Trago os momentos que vivenciei no ambiente escolar e as falas e colocações dos sujeitos da pesquisa. Reflito que existe muito que se fazer para que sensibilize dentro do espaço escolar para que sejamos realmente uma sociedade menos preconceituosa e discriminadora.

## **Escola: espaço de interação ou de discriminação?**

A escola enquanto espaço educativo proporciona ao ser humano o desenvolvimento de suas aprendizagens, e na maioria das vezes serve de parâmetro para a organização do Estado, em que as classes sociais sejam organizadas. A instituição escolar torna-se mais significativa quando é acolhedora, libertadora, e seus estudantes sintam-se parte dela por meio da interação entre os sujeitos.

Quando falamos em educação, a primeira coisa que passa pela cabeça é a escola. Vivemos em um mundo, onde muitas pessoas acreditam que educação se dá apenas através da escola, numa sala e com professores, entretanto a educação não se tem e nem se aprende apenas em uma instituição de ensino, existem várias outras maneiras de se educar. Assim como diz Brandão (2013), não existe uma única educação e sim variadas educações, cada qual tem a sua educação, seu modo de viver e é por isso que vivemos em um mundo da diversidade cultural e educacional. Não somente o professor tem a ensinar, mas sim todo aquele que julgar capaz de contribuir com o processo de aprendizagem, ensinar algo para o seu próximo e isso



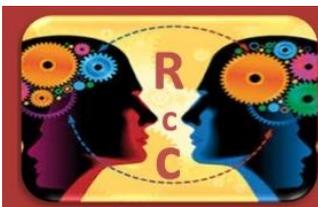
pode acontecer em qualquer lugar, em casa, na rua, em uma roda com os amigos, no trabalho, na igreja, então são diversos os momentos que pode vir a acontecer a educação, o aprender e o ensinar.

Neste sentido, a educação não se restringe apenas a escola, pois somos seres da aprendizagem no meio onde vivemos, a presença da educação está nos meios não institucionais, nos espaços sócio culturais, acompanhando as mudanças políticas, econômicas e sociais, tendo o viés objetivo e subjetivo por envolvendo os símbolos, padrões, intenções de cultura e relações de poder, como também existem interesses econômicos e políticos que se projetam sobre ela, idealizando os interesses de grupos, a classes sociais determinadas, podendo negar o que se prega na lei e na teoria. O ato de aprender e ensinar requer conhecimento que perpassa técnicas e regras, dispensa receitas de manuais de didática a serem aplicadas. A educação é ideológica, por ter a pretensão diante da formação de cidadãos e cidadãs, é desejável que exista comprometimento, sensibilidade, troca, dialogo, escuta sensível, empatia entre os sujeitos do ensino e aprendizado.

A escola é uma instituição que trabalha com a formação de sujeitos, a educação deve valorizar o ser humano, como nos fala Paulo Freire (1980), que valoriza o educando, seus anseios, suas curiosidades, como também priorizar aos temas e problemas mais próximos das vivencias dos educandos sobre os conhecimentos sistematizados. Os conhecimentos precisam estar vinculados a ação-reflexão-ação, serem problematizados para que os educandos façam análise critica da realidade, os educadores devem atuar com postura respeitosa diante da diversidade entre os educandos.

Na escola encontra-se diversas culturas diferentes, no caso de algumas escolas de Juara, que conta com alunos indígenas, consideramos a importância de valorizar seus saberes, é necessário valorizar uma aprendizagem que visa as relações humanas. As escolas das aldeias enquanto espaço educativo, não estão pautadas apenas como elementos de integração, porém também como uma busca de reconhecimento de seus direitos étnicos e culturais, assim como trazer diversos benefícios para a vida em comunidade, seja ela na saúde e na economia.

Com a Constituição Federal de 1988, a educação indígena se assegurou num plano de ensino específica e diferenciada, pois sabemos que o nosso país, é um lugar onde existe várias culturas, costumes, crenças além de diversas línguas, dessa forma a escola indígena, na luta pelos seus direitos e pela sua legitimidade, defendendo os anseios e decisões locais,

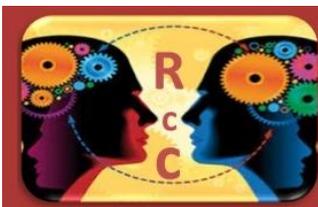


É importante ressaltar a diferença que os professores enfrentam na sala de aula, visto que o povo indígena, as crianças propriamente dizendo têm um grande respeito com os mais velhos, escutam, respeitam. Assim como toda educação, os indígenas também já trazem suas experiências de aprendizado, de conhecimento, uma vez que desde crianças são diversas as ocasiões de ensino-aprendizagem tal qual com os mais velhos. Aprendem por meio da vivência, buscam aprender, são motivados para ter mais conhecimentos.

Analisar a condição dos alunos indígenas na perspectiva da inserção da escola não indígena urbana requer que consideremos ainda mais suas relações de fronteira. Se focalizarmos nosso olhar para os indígenas que vive na área urbana, que procura-se adaptar aos valores, práticas e costumes da sociedade não indígena, acreditamos, que a maioria, sofrem discriminações. O contato com a escola da cidade, com certeza coloca o indígena em uma situação tornando-se vulnerável a preconceito e discriminação, onde serão negados seus conceitos, sua cosmologia, para adotar outros conceitos que se distancia de sua cultura. Podendo muitas vezes sua presença ser ignorada em sala de aula, nos grupos de amizade entre os colegas denunciando a estranheza, ou também para ser aceito no grupo, negar suas raízes étnicas, talvez não pelo fato de não quiser ser indígena, mas uma maneira de driblar a situação excludente.

Goffmann (1988), nos fala que a sociedade estabelece um padrão de sociedade ideal, com características consideradas comuns e naturais, criando modelos a serem seguidos. As pessoas que tem características sociais diferentes da ideal, é pouco aceito pelo grupo social, por não conseguir lidar com o diferente, sendo vista por várias rotulagens, seja a de preguiçoso, mal, sem religião, sem pudor e com poucas potencialidades intelectuais. Este estigma tem uma marca profunda na vida da pessoa, devido a sociedade onde está inserida reduzir as oportunidades, não valorizar, impor a perda da identidade pessoal e adotar ao modelo idealizado pela sociedade envolvente. É histórico a não aceitação dos costumes dos povos indígenas em nosso país, recebendo um tratamento de distanciamento ou até mesmo de exótico, causando estranheza entre as diferentes manifestações étnico culturais, compreendendo os povos indígenas de maneira homogênea.

Atualmente no século XXI, várias pesquisas já têm sido realizadas sobre os indígenas, os debates, fóruns, palestras, temos dúvida quanto ao fato de podermos dizer e afirmar o respeito pelas diferenças culturais de maneira significativa, a fronteira persiste nos conflitos entre diferentes culturas. Podemos dizer que o indígena em diversas situações não é



visto como pessoas que pode viver em nossa sociedade, porém é descrito apenas como um mero símbolo no período da chamada “colonização” do país.

Assim como diz, Abramowicz (2006), a escola é um dos espaços educativos para fortalecer a formação da identidade de seus educandos, valorizando o respeito a diversidade, tornando um espaço intercultural.

Na maioria das vezes os/as estudantes passam pela educação básica sem vivenciar práticas pedagógicas que viabilizem a ampliação do universo sociocultural, e buscar a superação de preconceitos. A criança não nasce com o preconceito, ela simplesmente aprende pelo modo em que vive e por quem a rodeia, em consequência de toda essa intolerância, discriminação, essa forma de lidar com a diferença, acabarão por fim causando um processo de desumanização.

Os indígenas são muitas vezes estigmatizados, podem ser facilmente recebidos na sociedade, porém por terem traços diferentes dos demais, as pessoas em si se afastam, construindo uma linha divisória. Para os alunos indígenas ingressar em uma escola é uma longa trajetória, onde passam por uma adaptação a sociedade não indígena, onde o ensino não é de acordo com a realidade em que vive. Acreditamos que o espaço escolar precisa ser um lugar de encontros possibilitando a valorização das diversas manifestações culturais, possibilitar o intercambio das relações culturais, desenvolvendo um trabalho pedagógico que favoreça a diversidade cultural, que integre as diferentes culturas, contemplando aos múltiplos interesses dos educandos, valorizando seus saberes, sua forma de ser e estar, facilitando os relacionamentos inter-étnicos possibilitando que os educandos se conheçam.

Os valores que estão no discurso da escola com o objetivo de passar para seus educandos, nos mostra que preconceitos e discriminação também estão presentes no dia-a-dia da escola. A instituição escolar pode vir a ser um local de reprodução da discriminação, pois é um lugar onde há conflitos e contradições entre educadores (as) e educandos (as). A discriminação e preconceitos, pode afetar o autoconceito, a autoestima e fazer com que se sintam inferior às demais e isso pode causar o que chamamos de fracasso escolar, assim como diz Candau (2003), o fracasso pode corresponder aos objetivos estabelecidos nos currículos escolares. Em outras palavras: são alunos/as diferentes por não conseguirem atender às expectativas da escola e que muitas vezes acontece pelo motivo da escola não considerar a diversidade existente neste espaço.



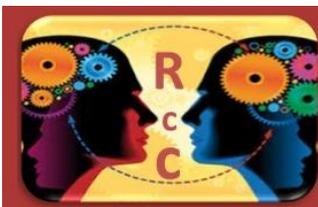
Essa diversidade existente pode ser considerada na ação educativa da escola para contribuir com as necessidades existentes pelos indivíduos, considerando o objetivo da educação de identificar os elementos culturais dos (as) estudantes que fazem parte deste contexto e busque maneiras de atingir os objetivos da educação, valorizar o ser humano, a diversidade e as especificidades.

É importante dizer que o envolvimento por parte dos (as) educadores (as) é a vigilância que precisa ter quanto ao material e formas de abordar os assuntos e nesse sentido, um ponto forte que Silva (1994, p.23) coloca é que se observarmos os livros didáticos que as escolas utilizam para a aprendizagem dos alunos, na maioria deles, encontramos diversos falhas quanto a questão indígena, pois neles, apresentam figuras indígenas no passado, como se eles não existissem mais, como se não fizessem parte da sociedade, essa cultura é descrita no tempo pretérito: os índios “pintavam o corpo”, “enfeitavam-se”, “usavam fogo”, etc. O aluno aprende palavras: “taba”, “oca”, “caiçara”. Hoje será que eles não possuem mais essa cultura? Não pintam mais o corpo não se enfeita e nem usam fogo?

Dessa forma, percebemos a deficiência dos nossos livros didáticos, o quanto de informações não falta sobre a nossa diversidade de culturas, nossas crianças estão crescendo sem saber que existe mais culturas. Os livros trazem a história de que os indígenas foram os que estavam aqui na “descoberta do Brasil” e nada mais, fala um pouco de sua cultura de maneira abreviada.

Silva (1994, p.24), nos diz que, os livros têm as figuras dos indígenas sempre como segundo planos, os brancos sempre estão no meio, e tanto os indígenas quanto os negros, estão no fundo, do lado, mas nunca no centro da imagem. As famílias representadas nos livros didáticos estão sempre com uma família branca, que vive bem, numa casa de alvenaria, aonde os filhos vão para uma escola em que todos os profissionais da educação e alunos são brancos, sem nenhuma presença de indígenas e nem de negros. Estamos rodeados somente por pessoas brancas?

A escola precisa estar atenta quanto a essa representação não somente nos livros didáticos, como também nas relações interpessoais para que não seja ignorado os direitos desses estudantes que veio de sua aldeia para a cidade, é preciso que as escolas busque conhecer sobre a cultura dos estudantes indígenas que estão ali presentes, estabelecendo uma interação de saberes entre ambos.

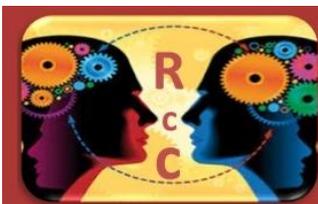


Para realizar esta pesquisa fiz um mapeamento das escolas que tem estudantes indígenas, percorri em quatro escolas, sendo duas da rede municipal e duas da rede estadual, houve um obstáculo. As escolas não tinham no censo escolar a quantidade de indígenas matriculados. Dessa forma, em mais duas escolas ocorreram o mesmo, então segui para outra escola que fica em um bairro onde a maioria de indígenas reside como também em outros dois bairros mais próximos desta instituição escolar, no entanto, não consta no censo escolar a quantidade de indígenas, mas os profissionais da parte administrativa sabiam que na escola estudavam várias crianças indígenas, entretanto não sabiam a quantidade exata de alunos, e que teria trinta indígenas estudando nessa escola. Como essa seria a escola que parecia ter uma maior quantidade de indígenas, optei por fazer a pesquisa nessa instituição.

Vale dizer que se trata de uma escola pertencente a rede estadual de educação, situada em um bairro povoado por pessoas trabalhadoras de pouco poder aquisitivo e é visível a marginalização de seus moradores diante de outras pessoas que residem em bairros onde se vive pessoas de maior poder aquisitivo. E assim, levei até a direção e coordenação escolar a solicitação de autorização para realizar a pesquisa, e foi concedida, firmamos os horários, período e possíveis datas que estaria frequentando a instituição para a coleta de dados. Questionei ao coordenador pedagógico da escola o porquê de não constar no censo escolar e na ficha de matrícula a presença dos alunos indígenas e o coordenador alegou que no censo feito apenas por idade, sexo, não é feito nenhum levantamento entre classe social, cor, raça e etnia. E na ficha de matrícula também não especifica se é indígena ou não.

Iniciei com a observação, onde fui acompanhada pelo coordenador que mediu às conversas com os professores de duas turmas, em quase todas as salas tinham alunos indígenas, e acabei por observar em duas salas, considerando que uma delas era do 5º ano, em uma das salas tinha três alunos, duas meninas e um menino, dois alunos com dez e uma aluna com doze anos de idade, sendo todos da etnia Kayabi. Também observei em uma turma do 4º ano que tem apenas uma menina da etnia Kayabi e outra da etnia Apiaká, e durante os intervalos observava todas elas aqui mencionadas. A entrevista, realizei apenas com as crianças do 5º ano por demonstrarem mais abertura e se sentirem a vontade para diálogo.

Ressalto que as observações que realizei foram nas salas de aula, antes do início da aula e no intervalo com o intuito de averiguar a interação entre os alunos, professores e alunos, funcionários. Dessa forma esta pesquisa, trata-se de uma pesquisa qualitativa por valorizar a descrição, interpretação e explicação dos fenômenos encontrados. Segundo

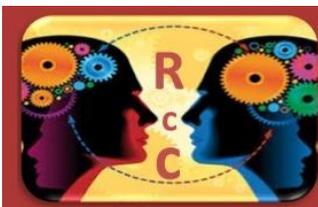


Minayo (2007, p.21), a pesquisa qualitativa tem por base responder as questões muito particulares, nas Ciências sociais ela é trabalhada com o universo dos significados dos motivos das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, seu foco é a realidade social, o ser humano, a realidade vivida, suas ações partilhadas com os semelhantes.

Tive a intenção de realizar entrevistas com um professor, o coordenador e o diretor, porém não foi possível, porque não sentiram-se confortável para serem entrevistados, houve conversas informais, apenas entrevistei as três crianças indígenas da turma do 5º ano e duas crianças não indígenas. Iniciei observando desde a chegada dos (as) estudantes na escola, assim que chegavam, iam para o pátio se encontrar com os outros colegas. Cada criança indígena observada tem um comportamento diferente, uma das meninas que é aluna do 5º ano e da etnia Kayabi, é mais comunicativa, conversava e brincava com várias crianças. Perguntei a ela, se sempre estudou nesta escola, e a mesma me respondeu que não, que estuda nesta escola desde o 4º ano, antes estudava na escola da aldeia Tatuí e lá aprendia sobre a sua língua materna. Já a outra menina é mais quieta, sempre procurava duas amigas específicas e se encaminhavam para a quadra de esportes, e ficavam sentadas até dar a hora de entrar na sala de aula. A menina diz que não se sentia a vontade na escola. O menino também era tímido pelo menos comigo, a minha aproximação foi sendo conquistada aos poucos, com sorrisos, cumprimentos, até que ele começou dar-me abertura para conversarmos.

A fala da menina me faz acreditar que a escola urbana não lhe parece atraente, quando ela menciona que na escola da aldeia estudava a língua materna, é uma forma de dizer que o contexto escolar onde está vivendo atualmente não convive com pessoas que partilham os seus significados de vida, e ela se sente diante do desconhecido. A escola precisa ser um espaço que possibilite a socialização e interação, que seus estudantes sintam-se parte dela e não se sintam silenciados, ali está estudantes também pertencentes a outros grupos culturais socialmente excluídos, que buscam o saber, que querem espaço para ser e estar na escola e na sociedade.

Aprofundi mais a conversa com a menina e busquei saber quando ela mencionou a liberdade que tem na aldeia. A menina explicou que na aldeia tem mais liberdade, as brincadeiras no rio, o contato com a comunidade, e na cidade não pode sair na rua devido o trânsito e a violência. Percebe-se o descontentamento por parte da menina por viver em um lugar cheio de limites, coisas das quais não estavam acostumadas.



As três crianças se interagem de forma coletiva entre si, na sala de aula participavam quando o professor lhes dirigia alguma pergunta, auxiliavam o professor quando era para pegar livros e distribuir para os demais colegas. Ajudavam a colocar as cadeiras em cima da mesa ao final da aula, dialogavam com as outras crianças durante a aula. De acordo com as próprias crianças, esta é uma das turmas que é considerada agitada.

Na sala do 5º ano as crianças interagem entre elas, são atenciosas e receptivas, procurei saber do professor como é a interação entre as crianças indígenas e não indígenas, e este assegura que todas interagem, não existe nenhum problema entre indígena e não indígena, muito menos preconceito e discriminação dentro da escola.

Esta fala me faz entender que talvez ele não tenha conhecimento sobre os fatos que ocorrem todos os dias contra os indígenas. Os meios de comunicação apresentam vários momentos desse gênero, sejam com palavras, gestos, disputas por terra que muitas vezes são encobertos, onde o preconceito passa a ser invisível diante de nossos olhos. Se observarmos, muitas vezes a mídia deixa transparecer, tornando explícito na maneira de tratamento diante dos povos indígenas, até mesmo a força brutal por parte da polícia que usam para discriminá-los e agredi-los, seja de força física como também utilizam como uma forma de extorqui-los.

Como nos diz Rezende (2003, p. 19), o preconceito racial e o racismo são fenômenos que se legitimam de maneira direta e indireta, é necessário se combater esses fenômenos, e que o preconceito e discriminação seja de raça, classe social, gênero, são atitudes que marcam e causa danos a vítima. Essas atitudes na maioria das vezes presentes nas falas, atitudes, olhares tem suas consequências na vida de quem é a vítima, por não ser respeitada a sua “diferença” étnica, racial ou outras. Não podemos fechar os olhos e dizer que preconceito e discriminação não existem.

Podemos dizer que é visível os estereótipos e preconceitos diante do indígena, basta observar frases muito usadas pelas pessoas como: “isso é coisa de índio” “você está parecendo índio”, quando alguém vai passear em um sítio se refere a “passeio de índio”, usando essas frases como símbolo de inferioridade e ignorância. Na sociedade não indígena é possível ouvir frases que ridicularizam os indígenas, com diversas definições pejorativas e de desprezo, fazendo comparações de limitação intelectual, comparando com animais, pessoas não confiáveis, perigosas, inútil e mal. Essas definições é uma maneira de ridicularizá-los, diminuí-los e menosprezá-los. No entanto, não acredito que essa afirmação por parte do professor de sociedade perfeita e sadia, de relações harmoniosas entre indígenas e não



indígenas sem preconceito e discriminação são verídica, basta que preste atenção nos meios de comunicação, nas falas das pessoas, nas atitudes. Algumas pessoas não expressam escancaradamente, mas se buscarmos em seu íntimo, perceberemos que existe certa recusa e indiferença, até mesmo violência simbólica.

Uma das meninas indígenas traz em sua fala confirmações da existência de preconceito e discriminação diante do indígena, porém essas ações não faz com que negue sua origem, pelo contrário, ela afirma o sentimento de orgulho de ser indígena. E o menino indígena, era mais tímido na sala de aula, as vezes fica disperso, quase pouco se vê completando as atividades, copiava, porém não as resolvia e quase não se ouve sua voz na sala de aula.

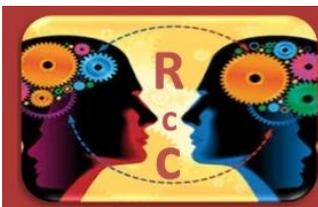
Tanto na sala do 5º como na sala do 4º ano, os professores ajudavam apenas os alunos que os procuravam para alguma dúvida nas atividades, escreviam a atividade no quadro e pediam para resolverem, mas não havia um contato para saber se o aluno estava ou não conseguindo resolver as atividades, não tinha essa proximidade do professor com o aluno. Se o aluno fizesse e mostrasse ao professor ele ganhava ponto<sup>3</sup> e o professor anotava em seu caderno quem fazia as atividades. Os momentos que passavam pelas carteiras era somente para ver quem estava ou não fazendo, esse passeio fiscalizador pela sala, entretanto não acontecia todos os dias.

Em nenhum momento percebi o professor se aproximar do menino para explicar a atividade ou até mesmo incentivá-lo, apenas fazia vista grossa, como se não se importasse se o aluno fazia ou não as atividades, se estava ou não aprendendo. Percebo que não existe uma preocupação ou até mesmo envolvimento em procurar compreender a dificuldade que este menino tem em fazer as atividades. Sinto nesta atitude a falta de afetividade entre professor e aluno em relação da construção do conhecimento, a troca desses conhecimentos, experiências.

A ação pedagógica com amorosidade defendida por Paulo Freire (1980) também propicia o respeito, comprometimento com quem está ali para aprender e ensinar. Assim, entendo que este aluno necessita da ajuda do professor, ele não pede essa ajuda, mas, pergunto, será que é preciso que o menino peça? Não quero fazer julgamento injusto, mas falta esse olhar de amorosidade e compromisso do professor.

---

<sup>3</sup> Os professores utilizavam uma lista que continha os nomes dos alunos e colocavam um x para quem fizesse as atividades e levassem para eles verem.



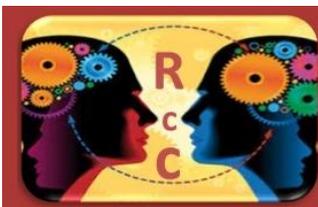
Quando a atividade era educação física, todos os três participavam, por gostarem de esportes. Na primeira semana que estive na escola, estava acontecendo os jogos de inter-classe, vários alunos indígenas jogaram, duas meninas indígenas receberam medalhas de campeãs.

Presenciei em um momento que acredito que o comentário da professora não tenha sido bem recebido pelas alunas indígenas da sala do 4º ano, a professora estava explicando para um aluno não indígena sobre uma atividade de matemática e fez o seguinte comentário: “... é a mesma coisa de um caminhão de indiozinhos”, todos começaram a falar o nome das duas meninas indígenas, utilizando as seguintes frases: “olha lá você (o nome da menina) vindo para cidade em cima de um caminhão parecendo um bichinho”. Como se o comentário fosse diretamente para elas, mas apenas para explicar um exercício de matemática, nenhuma das meninas indígenas responderam nada, ficaram quietas, talvez por vergonha da maneira que a situação era de deboche por parte dos outros colegas da sala.

Diante desse acontecimento percebi a maneira que os alunos não indígenas têm para com os indígenas, demonstrando o que realmente pensa nas suas “brincadeiras” o preconceito e a discriminação.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (GOFFMAN, 1988, p.12)

Na hora do intervalo perguntei para uma das alunas não indígenas, se ele já havia percebido algum tipo de preconceito, discriminação que houvesse por parte de alunos, professores, funcionários com os alunos indígenas. Ela me respondeu que sim, por parte dos alunos, havendo xingamentos dos não índios com os indígenas, dizendo pra eles voltarem para o mato, pois são “bicho do mato” e não conseguem viver aqui, mencionando serem feios. Observo nesta fala que a tentativa de defesa por parte da aluna não indígena, é que também recebem xingamento, porém o que presenciei na sala foi ridicularizarem os alunos indígenas e estes por sua vez não emitiram nenhuma ofensa aos que os ofendiam. Um menino não indígena afirmou-me que existe interação entre os alunos não indígenas e os indígenas dentro e fora da escola. Podem mesmo interagir, porém, na relação dentro da sala de aula diante da



maneira como o professor é indiferente ao menino indígena com dificuldade e das falas que ouvi quando a professora fez a explicação do “caminhão de indiozinhos”, posso dizer que os alunos indígenas são estigmatizados como diz Goffmann (1988) que essas ações acontecem por considerar o outro inferior, é tratado de maneira agressiva, e se o estigmatizado responde com a mesma agressividade que o ofende, este por sua vez incorpora um discurso de justificar suas ações.

Vale dizer que a professora, no entanto, percebendo que eles ficaram com vergonha, disse que o comentário não era necessariamente para elas. Acredito que esses tipos de comentários não sejam necessários dizer para não deixar os alunos constrangidos diante a sala de aula, pois suas falas as constrangeram e os demais alunos aproveitaram-se do momento para falarem palavras debochadas. E a coleta de dados, não houve nenhum momento que os professores dessem algum conteúdo sobre a temática indígena como cita a Lei 11 645/2008 que é obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas.

De acordo com a professora, é trabalhado sobre a cultura indígena apenas a história dos índios, conforme cita os livros didáticos. E essa afirmação constatei com os estudantes indígenas, a abordagem é sobre a “descoberta do Brasil”, o que vestem, o que comem e etc. A escola precisa trabalhar não só a história dos índios e sim toda a sua história de vida, cultura, costumes, inclusive trabalhar com a história do Vale do Arinos, uma vez que sabemos que na nossa região há quatro etnias com histórias diferentes, onde essas crianças pertencem a estes povos, podendo até mesmo fazer um intercâmbio para os pais, parentes ou as próprias crianças colaborarem nesse aprendizado.

O coordenador pedagógico acredita na importância de trabalhar a temática indígena em sala de aula por meio de projeto interdisciplinar envolvendo apenas os estudantes indígenas, para que possam realizar apresentações culturais. Penso que seja relevante este trabalho envolvendo toda a escola e não somente aos estudantes indígenas.

De acordo com o coordenador desta escola, os estudantes indígenas não evadem, apenas são transferidos para as escolas das aldeias, que atualmente estudam trinta alunos na educação básica.

O fato de não evadirem não significa que sintam-se a vontade e inseridos no espaço escolar, considerando o que abordei acima, e percebo que é importante que a escola trabalhe de maneira que todos sintam-se parte dela, buscando promover a aprendizagem de alunos



indígenas e não indígenas em diferentes dimensões, como sujeitos sociais, emocionais e com saberes. E busque não reforçar o preconceito e discriminação, não se mostrar alheio a essa realidade diante de seus olhos, porque a ação educativa tem influencia na formação dos que estão inseridos nela, em sua postura, valores e atitudes.

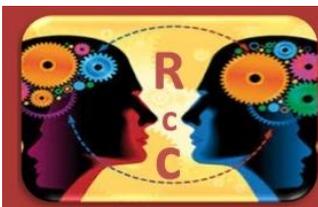
## Considerações finais

A reflexão final deste trabalho que foi uma investigação sobre as relações entre os estudantes indígenas que estudam nas escolas urbanas na cidade de Juara, e buscamos perceber se estes estudantes indígenas sofrem preconceito e discriminação no ambiente escolar.

Quando o assunto é preconceito e discriminação algumas pessoas negam existir, que isso é coisa que inventam, como se as relações humanas é harmoniosa, que o negro e o indígena se faz de vítima onde tudo passa a ser entendido como preconceito e discriminação. Outras pessoas assumem ter esse preconceito e discriminá-los fazendo vários argumentos, por não concordar com as políticas de governo sobre os povos indígenas, do comportamento que eles têm quando estão na cidade. Quando o assunto é o espaço escolar, lugar que deve trabalhar sobre a diferença, a valorização do outro, a inclusão, dificilmente por meio de falas diretas vão assumir, e cabe ao (a) pesquisador (a) um olhar atento, buscar nas pequenas atitudes e falas para que possa sentir e perceber o preconceito e a discriminação.

Existem preconceito e idealismo para com os povos indígenas, escondendo a diversidade cultural e étnica de suas populações, atualmente existem várias informações sobre as populações indígenas brasileiras para que se use como material de pesquisa, para serem utilizados desde os anos iniciais da educação básica, para que a sociedade não indígena desprenda do conhecimento fragmentado, superficial e genérico da realidade indígena brasileira.

No entanto, não acredito que essa afirmação por parte do professor de sociedade perfeita e sadia, de relações harmoniosas entre indígenas e não indígenas sem preconceito e discriminação são verídica, basta que preste atenção nos meios de comunicação, nas falas das pessoas, nas atitudes. Algumas pessoas não expressam escancaradamente, mas se buscarmos em seu íntimo, perceberá que existe certa recusa e indiferença.



Nesta pesquisa, encontrei o sentimento de uma menina que vive na cidade contra sua vontade, preferia viver na aldeia de seu povo, não sente a cidade e essa escola como seu lugar. Encontrei também um menino com desafios de aprendizagem e seu professor não se importa com ele. Um professor que nega a existência de preconceito e discriminação e depois constato falas de alunos que confirmam, uma atitude explícita dentro da sala de aula, levando os estudantes indígenas a situações constrangedoras, por considerarem meras brincadeiras. Brincadeiras que ferem, marca o ser humano, e a escola deve ser o espaço para que isso não venha ocorrer, porque acredito que a escola faz parte da sociedade e a sociedade faz parte da escola, é preciso ter a sensibilidade de trabalhar no espaço escolar para que exista a valorização do outro, cada um com a sua diferença, e é nessa diferença que a sociedade se completa.

Finalizo dizendo que os encontros da diversidade acontecem no meio escolar, porém os desencontros são marcados pela discriminação e o preconceito, e mais preocupante é pela parte dos educadores que encontra-se neste ambiente, considerando que os mesmos devem se envolver com a ruptura desse desencontro, porém não querem se envolver com o que é dito por lei. Essa pesquisa mostra a discriminação e preconceito no ambiente e escolar que nada mais é o reflexo da sociedade. É preciso respeitar a diversidade e a diferença do outro em todos os ambientes da sociedade.

## Referências

ABRAMOWICZ, Anete (Orgs). *Educação como prática da diferença*. SP: Armazém do Ipê, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 2013.

CANDAU, Vera Maria. (Coord.). *Somos Todos iguais? escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

REZENDE, Gerson Carlos. *A relação entre indígenas e não-indígenas em escolas urbanas: um estudo de caso na cidade de Campinápolis-MT*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2003.



GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org) *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. Petrópolis; Vozes, 2007.

SILVA, Marcio Ferreira da, AZEVEDO, Marta Maria. *pensando as escolas dos povos indígenas no Brasil : o movimento dos professores indígenas no Amazonas, Roraima e Acre*. IN, SILVA, Aracy Lopes & GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. *A Temática Indígena na Escola*, Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 2004.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. 5ª ed. São Paulo: Nacional.1968.